

Espaços de sociabilidade de imigrantes brasileiros em Santa Rita, Paraguai

Vanucia Gnoatto¹

Introdução:

Ao se estabelecer no Departamento de Alto Paraná, entre 1970 a 1980, mais especificamente, no atual distrito de Santa Rita, imigrantes brasileiros trouxeram consigo suas territorialidades e identidades nacionais, regionais e étnicas, que, através de redes culturais criadas por estes, foram definindo formas de sociabilidades desses grupos, tanto de forma imaterial, como material, como no caso dos CTGs. Dentro deste contexto, alguns imigrantes foram se integrando e se sentindo pertencentes ao Paraguai. Porém, parte destes imigrantes brasileiros timidamente se abriram à identidade cultural paraguaia, preservando ao máximo suas identidades de origem. Diante disso, o presente trabalho visa analisar os espaços de sociabilidades da identidade cultural criados pelos imigrantes brasileiros em Santa Rita, Paraguai, buscando perceber como estes se integram a este novo território.

Trata-se de um estudo de história oral produzido através de entrevistas semiestruturadas, realizadas mediante pesquisa de campo e de forma virtual, de setembro de 2016 a abril de 2019, nos distritos de San Alberto e Santa Rita, no Departamento² de Alto Paraná, Paraguai e em Foz do Iguaçu, município fronteiriço paranaense³. Os fragmentos das entrevistas⁴ selecionados para este trabalho abordam a temática ligada à identidade, sentimento de pertencimento e,

¹ Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo. Mestra em História Regional pela Universidade de Passo Fundo. Doutoranda em História Regional pela Universidade de Passo Fundo, com bolsa FUPF. Professora da rede pública estadual do Rio Grande do Sul.

² Equivale a estado no Brasil.

³O trabalho ora apresentado é um recorte de nossa Dissertação de Mestrado, intitulada: Migrações, trajetórias, retornos: imigrantes brasileiros no Paraguai (1970-2018), defendida no PPGH, em 02/03/2020.

⁴ Mesmo tendo as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da parte dos entrevistados/as, optamos pela utilização de iniciais dos nomes e sobrenomes destes para proteger as suas identidades.

principalmente, espaços de sociabilidade desses imigrantes, como o CTG Índio José do distrito⁵ de Santa Rita.

Os entrevistados são dois imigrantes residentes em San Alberto, distrito ao norte do departamento de Alto Paraná; dois imigrantes residentes no distrito de Santa Rita, ao sul do mesmo departamento; além do intendente municipal deste distrito⁶ e da coordenadora da Casa do Migrante de Foz do Iguaçu, no Paraná. Junto a estas fontes, tem-se entrevistas de outros trabalhos acadêmicos e imagens referentes a eventos e do CTG do distrito de Santa Rita.

Sociabilidade dos imigrantes brasileiros no Paraguai

A característica que de imediato nos salta aos olhos quando chegamos aos distritos paraguaios de maior presença de brasileiros, como em Santa Rita, é a manutenção de elementos culturais e o idioma português próprios da identidade nacional, étnica e regional desses imigrantes brasileiros. Quanto à identidade, ela “é estabelecida a partir de significados, que instituem identificação com a prática social simbólica que é discursivamente conduzida por parte de um ator social, que dá finalidade a uma ação prática”. Essa ação, entre outras coisas, pode “criar o sentimento de pertencimento de um indivíduo a um grupo social e a um recorte espacial” (MONDARDO, 2009, p. 117).

O mesmo autor, que parte das reflexões de outros autores, entende a identidade como uma construção histórica e geográfica que se dá pelas relações sociais. Atualmente, “o sujeito previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não por uma, mas por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2002, p. 12). Nesse contexto de fronteira, em que os fluxos migratórios são constantes, o autor também destaca a existência de identidade híbridas, que surgem da mescla de diferentes culturas. Porém, esta mescla se dá em parte, pois entre estes imigrantes, a manutenção da cultura própria é assegurada pela presença de uma rede que une territórios.

Nota-se, em nossas pesquisas nesse espaço, a criação de uma rede, ideológico-cultural, algo que Haesbaert e Bárbara (2001) já haviam identificado em pesquisa anterior, ligada à cultura e identidade, mantida entre os imigrantes e

⁵ Equivale à município no Brasil.

⁶ Referente, no Brasil, ao prefeito municipal.

o Brasil, por meio da língua portuguesa, da difusão de meios de comunicações brasileiros e dos CTGs no Paraguai, vinculando a rede ao gauchismo brasileiro.

Os imigrantes incorporaram e adaptaram espaços de sociabilidades no Paraguai, como festas e CTGs realizados no Brasil, que caracterizam uma identidade nacional, regional e étnica. Nessas festas, percebe-se as negociações entre os grupos. Por exemplo, em Santa Rita, ocorrem bailes de chopp e jantares típicos alemães e italianos, nos quais os trajes e as comidas próprias se fazem presentes, mostrando o quanto a ligação com a identidade étnica é forte para esses descendentes de imigrantes europeus, graças à preservação da memória dos antepassados. Além disso, os CTGs criados nos distritos, como o de Santa Rita, são espaços de socialização de grupos de imigrantes e paraguaios e de preservação da tradição inventada que representa uma identidade regional.

Na Imagem 1 vemos um baile de chopp, realizado no distrito de Santa Rita, no ano de 2011. É interessante destacar que o presente evento foi animado pela banda catarinense Planeta Son, o que denota a presença de rede transnacional, articulada entre os dois países, ligada à identidade cultural e regional destes imigrantes.

Imagen 1 – Baile de chopp em Santa Rita, Paraguai



Fonte: Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=RGrKbOM1jI4>. Acesso em: 7 de set. de 2022.

Nos jantares étnicos, pessoas de diversas etnias participam com roupas típicas a caráter. Logo, nesses espaços, apesar de festas étnicas, não há fronteiras étnicas na participação na festa. Aqui, há o caso de ser comunidade pequena, onde a solidariedade prevalece acima da questão étnica. Por exemplo, a família Pasuch Rambo (Imagem 2), é fruto de um casamento interétnico entre a família italiana Pasuch e a família alemã Rambo, que, no contexto, assumiu a identidade italiana.

Imagen 2 – Foto de jantar típico italiano em Santa Rita



Fonte: Acervo pessoal de N.R.

Quanto a essa integração que ocorre devido à migração, Truzzi (2008) afirma que além das redes de relações criadas antes da emigração que moldaram os vínculos étnicos no local de destino, a própria experiência migratória propõe e redefine novas identidades e considerações, que podem aparecer como redes novas. O mesmo ainda ressalta que atualmente os brasileiros, em outros países, se identificam e desenvolvem identidades de seu grupo, pois compartilham da situação semelhante de imigrantes.

Porém, percebe-se entre os imigrantes certa resistência em acolher e assimilar a cultura paraguaia. Por mais que se busque uma integração, esta parece pequena e tímida. Em distritos constituídos por uma população, na sua grande maioria, de brasileiros, nota-se entre os imigrantes certa resistência em acolher e assimilar a cultura paraguaia, algo perceptível em festas, como descreve um casal, residente em San Alberto, PY desde 1980.

Quando tem as festas juninas se faz uma mistura de tradição, se faz uma mistura de comidas. O que mais se festeja e une o povo são as festas juninas. Ali tem essas danças da cultura paraguaia, folclórica, cultura espanhola. As festas grandes das comunidades [...] prevalecem a cultura brasileira do churrasco, maionese, cuca. Prevalece a cultura do sul trazida para o Paraguai [...]. As festas grandes são o ritmo e a cultura brasileira que prevalece é mais gaúcha ainda, muito gaúcha, o tipo do churrasco, a maneira de preparar a festa é muito do sul (I.B e V.B., residentes em San Alberto, 28 jul. 2018).

Segundo o casal, um evento de integração entre os diversos grupos (paraguaios e brasileiros) é a festa junina, popularmente celebrada no Brasil e em alguns países, em homenagem à São João Batista, trazida ao Paraguai pelos espanhóis. Nela, têm-se elementos da cultura paraguaia e da cultura brasileira apresentados de uma forma mais integrada, que agregam características próprias da região de fronteira. Por outro lado, através da fala deles, denota-se, também, que a presença de elementos característicos da cultura do Rio Grande do Sul é mais acentuada nas festas “grandes das comunidades”, festas de maior expressão para estes, como as conhecidas festas patronais ou festas do/a padroeira/o realizadas em municípios dos estados do sul do Brasil.

Os dois entrevistados tocam na questão do ritmo, músicas e comidas das festas realizadas no lugar que residem que, a seu ver, segue o modelo brasileiro, mas principalmente o modelo regional “gaúcho”. A culinária é um traço muito característico dessa presença dos imigrantes, contrastada com as

comidas paraguaias, que apesar de serem aceitas e assimiladas por parte nos brasileiros, não “predominam” em festas em que a maioria que participa são brasileiros, como afirma o entrevistado.

Ao descrever a relação entre brasileiros e paraguaios natos, o intendente (prefeito) do distrito de Santa Rita identifica que existe uma integração entre as culturas brasileiras e paraguaias e percebe que ela foi muito positiva. Porém, o mesmo também identifica que entre esses sujeitos, de ambos os lados, existe o preconceito.

La integración de culturas fue muy positiva aquí, en Santa Rita y la región, yo me acuerdo en los años [19]90, había un poco de dificultad, de repente un poco de racismo de parte de los paraguayos y con brasileros y también de la parte de los brasileños con los paraguayos, de ambas partes. Pero, los hijos ya de ellos, que nosotros empezamos traer en la escuela, con la ayuda de los profesores, la gente entendieron que se puede superar esto. Hoy en día no veo muy fuerte esto [...]. Siempre hay una parte racista por decir, así de ambos lados, pero muy baja, que no influye en el crecimiento de la sociedad, en la integración no está fuerte esto instalado (C.T., Santa Rita, 27 jul. 2018).

Como o entrevistado apontou, a escola tem um papel importante para superar o preconceito existente entre brasileiros e paraguaios. Nela, os filhos de brasileiros, que em sua grande maioria têm nacionalidade paraguaia, aprendem a cultura e as línguas dos seus países. O mesmo processo é também vivenciado pelos filhos dos paraguaios natos. Porém, fora da escola os desafios para integração são ainda maiores.

Em distritos como Santa Rita defende-se a ideia de uma perfeita integração. Porém, no caso, o que se percebe é que existe o grupo maior de imigrantes que acaba se sobrepondo à população paraguaia. A fala do sociólogo Fogel, em entrevista à Baller, problematiza essa “integração” cultural, afirmando ser “um problema muito sério, digo um problema porque nós não estamos construindo espaços de comunicação intercultural, de diálogo intercultural, existe a prática contrária, nós estamos em um campo nada recíproco”. Como

autor aponta: “possui um potencial de conflito muito intenso, logo, temos que pensar em promover a integração”. Ainda, nesses espaços em que as assimetrias entre os países são grandes, “nota-se a existência de uma extensão de práticas sociais e culturais muito intensas que advêm do Brasil” (BALLER; SANTOS, 2014, p. 8).

Esta é a mesma percepção da coordenadora da Casa do Migrante T.M., órgão vinculado ao Ministério do Trabalho, em Foz do Iguaçu, que, em seu relato, nos possibilita compreender um pouco mais essa realidade de muitos imigrantes brasileiros com relação à assimilação da cultura paraguaia.

Conheço a realidade da chegada dos brasileiros no Paraguai desde o ano 1978 e posso dizer que ainda hoje muitos não conseguiram fazer o processo da aculturação, bem como os filhos nascidos no Paraguai. Um número significativo não domina o idioma espanhol e mantém os mesmos costumes, comportamentos e valores de seus avós. Visitando as comunidades ao longo da fronteira, onde se encontra a grande maioria dos brasileiros, tinha a impressão de estar no Rio Grande do Sul, pois tudo era tão parecido que não dava para sentir que estava em outro país (T.M., Foz do Iguaçu, 8 abr. 2019).

Para T.M., a integração e proximidade são maiores entre os imigrantes de outras regiões do Brasil e menores entre os que emigraram do sul. Entre estes, houve uma expansão da fronteira simbólica e cultural, através de sua língua, costumes e valores. Conforme Silva (2007), nessa fronteira, o que se percebe é a crescente brasileirização dos costumes e padrões estéticos, em especial, entre os jovens, para quem a tensão etnocultural tem cada vez menos valor, ao inverso de parte de alguns colonos mais antigos, sobretudo, de ascendência germânica, que possuem resistência à integração social, atribuindo parte da indiferença aos obstáculos perpetuados pelas autoridades paraguaias.

Entre os imigrantes brasileiros, não existe uma generalização quanto à questão da integração, ou não à cultura. Há casos de imigrantes que estão

integrados à área econômica e política, mas não à cultura. Há outros em que existe uma abertura que conduz a uma reciprocidade maior com o diferente, levando o imigrante a se sentir cidadão do Paraguai.

A pesar de que llegue al país ya casi con 15 años, hoy puedo decir que no soy más una extranjera sino más bien una ciudadana de este lugar donde crecí, casé y tuve mis 4 hijos [...] Además, en estos lugares solo había presencia de migrantes brasileros lo que hacía más fácil la adaptación, con el decorrer del tiempo es que fue creciendo la población y llegando migrantes internos del Paraguay lo que obligó a acostumbrarse al español [...] y a los costumbres de los nativos del país. Estas personas, paraguayos nativos, llegaron a esta zona principalmente para dedicarse al comercio, farmacias, escuelas y seguridad. La adaptación se hizo muy fácil, ya que la convivencia era pacífica y respetuosa entre todos (N.R., Santa Rita, 7 set. 2016).

No caso da entrevistada, percebemos que a mesma não mais se vê como estrangeira, mas como cidadã paraguaia. Tanto que esta nos fez questão de responder o nosso questionário e nos retornar por e-mail em espanhol. Para esta, a adaptação ao país vizinho se deu de forma fácil, devido ao número expressivo de brasileiros que se estabeleceram na mesma região. Como o tempo, como a mesma relata, a região recebeu uma imigração interna em busca de emprego, o que, segundo a mesma “obligó a acostumbrarse al español y a los costumbres de los nativos del país”, algo que para esta não foi difícil, pois a convivência, na sua visão, aconteceu de forma “pacífica y respetuosa”.

Ainda, com relação à integração, “o migrante pode estar sinceramente integrado na nova região/estado e sentir-se fiel às origens. A identidade fica em um estado de clivagem, certa esquizofrenia cultural” (MENEZES, 2007, p. 119). Um exemplo é do imigrante J.W., que no ano de 1987, retorna para o Rio Grande do Sul por questões de saúde da esposa que estava grávida. Porém, dois anos após, como ele expressa:

Como não tínhamos vendido a nossa propriedade aqui no Paraguai e a nossa comunidade ainda corria nas nossas veias, aonde a gente participava, em todas as organizações, decidimos voltar ao Paraguai em [19]89. Ali estamos até hoje, nos sentimos paraguaios, não deixando de ser brasileiros, gaúchos (J.W., Foz do Iguaçu, 17 jan. 2019).

Na fala do nosso entrevistado, percebemos o múltiplo pertencimento deste ao afirmar que “nos sentimos paraguaios, não deixando de ser brasileiros, gaúchos”. Referindo-se ao múltiplo pertencimento, Mondardo (2018) afirma que atualmente as territorialidades e as identidades no movimento migratório são cada vez mais frutos de processos de hibridização “geográfica” e “cultural” através dos múltiplos pertencimentos que ocorrem no processo de des-territorialização. A relação entre diversos espaços “geográficos” e “culturais” tão diferentes e o profundo entendimento de si mesmo como ser que está sempre em mudança, “em movimento para dentro, para fora e sobre si, compõe a identidade e a territorialidade da/o migrante”. Para o autor, “uma identidade e uma territorialidade que se quer incansavelmente em elaboração, em reacomodações e ajustes constantes pelo trânsito múltiplo entre contextos e lugares tão distintos” (MONDARDO, 2018, p. 40). Na migração acontece uma experiência na “margem” de diversos lugares que suportam dois sentidos de serem, no mesmo tempo, lugares de pertencimento e de estranhamento

O entrevistado ainda faz questão de, em sua narrativa sobre a história de vida, falar sobre os seus espaços de atuação na sociedade santaritense, mostrando o quanto está inserido e ativo na mesma.

Entre as atividades enfrentadas[na] educação: criação do Liceo São Pedro, de Cerro Largo; Comissão de Pais, Liceo Santa Rita; Comissão de Criação na Universidade Católica; Presidente da Liga Santa Ritenha; Vereador em dois períodos. Durante vários anos atuando na Pastoral do Migrante, em documentações, hoje integrante da

Pastoral, mas já não atuando em documentações (J.W., Foz do Iguaçu, 17 jan. 2019).

Percebe-se, na fala do imigrante, como este imigrante assumiu seu papel político e cidadão dentro do Paraguai, não somente uma inserção agrícola, mas na política, nos cargos destinados a imigrantes, na educação básica e superior, na Igreja, na parte de auxílio aos imigrantes quanto à questão da documentação, problemática que ainda é a realidade de parte dos imigrantes. Nesse serviço, nota-se como o imigrante, por também ser imigrante, se sensibiliza agindo concretamente no auxílio de outros imigrantes.

O CTG Índio José em Santa Rita

O processo de assimilação cultural acontece tanto para os paraguaios quanto para os imigrantes, variando a abertura existente entre ambos para a formação de identidades híbridas. No entanto, no caso da imigração de riograndenses, como na narrativa acima citada, ainda que ocupassem vários espaços ecológicos e geográficos diferentes, eles conservaram a unidade cultural regional e étnica básica por longos tempos. Caso também notado na fala abaixo de outra imigrante

No me siento una inmigrante, estoy totalmente presente en esta realidad y es un gran enriquecimiento compartir con la diversidad étnica que, con el tiempo fueron llegando aquí en Santa Rita, Alto Paraná, Paraguay, donde vivo actualmente. Esta convivencia ayuda a abrir los horizontes! Podemos cultivar la cultura gaucha aprendida de Brasil y a través de instituciones como el CTG Indio José (centro de tradiciones gauchas) nuestros hijos nacidos en Paraguay también disfrutan aprenden y vivencian la cultura brasilera. Y hasta podemos decir, que en varias ocasiones nuestros hijos fueron a representar al CTG de Paraguay (Lema: en cualquier nación todo por la tradición) bailando las danzas guachas y han traído premios en los diferentes eventos (Rodeos) en que han participado, destacando así como en la

distancia se continúa difundiendo la patria brasilera y el amor a ella (N.R., Santa Rita, 7 set. 2016).

A entrevistada afirma que não se sente mais imigrante, percebe-se integrada à nova realidade e vê como algo enriquecedor a relação com a cultura paraguaia. Porém, por outro lado, ressalta o envolvimento da família, em especial, dos filhos nascidos no Paraguai, com o CTG de Santa Rita. Sobre esse ponto, a mesma liga o amor à pátria brasileira, a participação nas atividades do CTG, expressão da cultura regional. Em sua fala, afirma que os filhos participaram de eventos e receberam premiações. Outro entrevistado afirmou que os filhos que estavam no CTG participavam de eventos nos CTGs do Brasil. Nesse sentido, percebemos que existe uma rede transnacional entre os centros de tradições gaúchas do Brasil e do Paraguai. Em outra pesquisa realizada por Haesbaert (2012), este notou que no distrito de Santa Rita existe uma rede transnacional que liga o CTG Índio José ao Centro Tradicionalista de Guarapuava, localizado no estado do Paraná.

Imagen 3 – Filhos de brasileiros, com trajes típicos gauchescos



Fonte: Acervo pessoal de N.R.

O fato da entrevistada não se sentir mais imigrante, mas ainda se sentir “gaúcha” no Paraguai, nos leva a pensar sobre a transitoriedade migratória. Para Goettert, que analisa a transitoriedade migratória de rio-grandenses em Rondonópolis, “o fim da transitoriedade migratória, se por um lado redefine o sujeito nos lugares, por outro não retira dele as características do ser do lugar de origem”. Dessa forma, pode-se deixar de ser imigrante, mesmo que tenha sido, porém, é impossível “deixar de ‘carregar’ a substância do lugar deixado”. No seu estudo, “o migrante gaúcho em Rondonópolis pode deixar de ser migrante, mas não deixa de ser gaúcho”. Assim sendo, a transitoriedade compreende a condição de migrante e de pertencimento, mas não a condição de gaúcho. Este, por mais que não seja migrante, é gaúcho no Mato Grosso (GOETTERT, 2008, p. 43). Aqui, sobressai a identidade e o pertencimento regional, acima do nacional.

A conservação da unidade cultural regional é percebida, sobremaneira, mediante o culto ao tradicionalismo gaúcho entre um grupo de imigrantes e filhos de imigrantes rio-grandenses nos diversos espaços por eles ocupados, como no Paraguai. Aqui é importante pensar na questão da diferenciação da tradição e do costume. Segundo Hobsbawm (1984), tradição é a invariabilidade, em que o passado forjado ou inventado impõe práticas fixas, como a repetição. Por outro lado, o costume não impede as inovações, porque o ser humano não é algo estático e imutável. Como exemplo de costume, temos a ação de um juiz e, como exemplo de tradição, os símbolos que envolvem o juiz.

[...] “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores ou normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade com relação ao passado (HOBSBAWM, 1984, p. 10).

Um caso típico de invenção de tradições que marca as relações sociais estabelecidas é o CTG em Santa Rita, Paraguai. Esse espaço vai além da dança e das festas tradicionalistas; trata-se de um espaço de socialização entre um grupo

de imigrantes riograndenses e paraguaios. Como relata o professor de dança gauchesca do CTG:

A maioria dos brasileiros que moram em Santa Rita participa ativamente do CTG. Além disso, muitos paraguaios também participam e gostam das músicas e acham bonito. O CTG é o principal ponto de lazer da cidade, organizamos jantares dançantes, festas do dia da mulher e a Expo, que é o maior evento que participamos e ajudamos a promover (apud BACK, 2013, p. 49).

O próprio nome do CTG já consiste em um indício dessa peculiaridade: Índio José. Por mais que tenha sido formado por imigrantes brasileiros, traz no nome o elemento indígena que caracteriza a maioria da população do Paraguai. Isso evidencia a relação que o imigrante estabelece entre elementos de sua identidade e elementos do local de chegada. A imagem da porteira do CTG representa a busca por uma integração entre o Rio Grande do Sul e o Paraguai. O portão, no lado direito, traz entalhado o gaúcho, o RS; no lado esquerdo, o indígena, que representa o Paraguai; e já no centro, uma mescla entre os dois. Porém, essa busca pela integração parece muito mais simbólica do que concreta, pois através da análise dos dados pode-se concluir que os indígenas não frequentam o CTG como um grupo de imigrantes frequenta e participa. Esse espaço segue sendo de uma classe social elevada. Outra constatação com base nos indícios das observações feitas em Santa Rita é de que apenas alguns paraguaios que ascenderam socialmente e financeiramente frequentam o CTG.

Ainda referente à denominação da entidade, segundo o entrevistado Luiz Carlos (2013):

Aí um paraguaio que integrou, gostou da tradição, porque aqui a região missionária que tem aqui para baixo, em Misiones, eles também usam bombacha, eles também usam lenço, então ele se integrou com nós, veio participar, e queria participar ele e a

família. E aí ele fez uma sugerência para nós: olha, porque vocês não mudam, pegam da cultura do Paraguai um nome mais [...]. Aí surgiu o Índio José. Índio José é a figura de um índio da lenda da virgem de Caacupe, que é a padroeira do Paraguai, tem um índio que foi salvo por um milagre e esculpiu ela na madeira. Se você vai na basílica de Caacupe hoje você tem um vitral lá com um índio esculpido, índio José. E na história do Rio Grande do Sul nós temos o Sepé Tiaraju, que o nome de batismo dele era índio José, era José também. Então aí, através de pesquisa: índio José na cultura paraguaia, índio José na cultura brasileira, então ficou índio José, essa união dos dois. No Brasil o Sepé Tiaraju, que era nome de batismo dele, José, e aqui no Paraguai o índio que esculpiu a Virgem Caacupe na madeira (apud SZEKUT, 2018, p. 249 - 250).

A narrativa traz presente a origem do nome do CTG. Conforme o mesmo, a sugestão do nome foi dada por um paraguaio que entrou na entidade, porque encontrou elementos da tradição gaúcha semelhantes na região de Misiones, conhecida também como região missionária. A sugestão do nome é muito rica em elementos que ajudam a pensar a identidade dos dois países. Ligando elementos históricos, culturais e religiosos do Rio Grande do Sul e do Paraguai, se chega a um consenso e se dá um nome a um espaço, até então, próprio de um deles, buscando ampliar o vínculo entre estes.

Imagen 4 – Portão do Centro de Tradição Gaúcha Índio José em Santa Rita



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outro elemento que denota essa invenção de tradições e a mescla cultural refere-se às danças, pois todas as tradições se apropriam de várias características culturais eleitas pelos grupos que as constituem. Nesse caso dos imigrantes brasileiros, é bastante comum ver suas filhas dançando as danças típicas paraguaiaias, com os trajes e os vasos e jarros na cabeça. A integração cultural através da dança paraguaia é bastante frequente em espaços como o do CTG. Esta instituição, nessa realidade, não se apresenta como um espaço de um grupo fechado, mas como um ambiente que acolhe diversas expressões culturais.

Imagen 5 – Foto do CTG Índio José de Santa Rita, Paraguai



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nesse sentido, é importante discutir a incorporação da identidade gaúcha pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), como a “verdadeira identidade do povo do Rio Grande do Sul”. Como sabemos, o gaúcho é um sujeito da fronteira com características próprias que não representam nenhuma parte da diversidade identitária do Rio Grande do Sul. Golin (2011, p. 4) defende que “o paradigma rio-grandense é o Rio Grande multicultural e multiétnico. Sua fronteira de involucramento é a mestiçagem. O autêntico é a diversidade. E não exclusivamente o padrão gauchesco. O nexo é a alteridade, o reconhecimento do outro”.

Para Golin, culturalmente segue em vigor a

Visão unificadora, como se a origem identitária do Rio Grande estivesse no movimento da *minoria farroupilha*, falseando sobre a sua natureza *republicana*, elencando um panteão de “heróis” latifundiários e senhores de escravos, como se fossem entes tutelares a serem venerados pelas gerações atuais e vindouras”. Como *continuidade* de

uma suposta tradição, o Tradicionalismo sustenta sua falsa credencial de “historicidade” (2011, p.8).

Conforme acrescenta o autor, tomando por base a população do Rio Grande do Sul do período, que tem como referência as principais cidades, vilas e altos dados de população rural, a grande maioria não tem descendência farrapa (GOLIN, 2011). Além disso, é importante considerar que o estado possui uma população indígena, com sua própria cultura e costumes, e recebeu um número expressivo de imigrantes europeus, que também não se enquadram nessa vivência farrapa.

Outro aspecto a ser considerado é que nem todos os imigrantes brasileiros que saíram do Rio Grande do Sul frequentavam a entidade por residirem no campo, estando distante da sede do mesmo, que geralmente se localizam nos centros urbanos e, também, pelos custos financeiros que envolviam a participação nessa associação e entre outros fatores. Assim sendo, a participação no CTG no Paraguai não é algo que se aplica a todos os imigrantes brasileiros que partiram do Rio Grande do Sul e tanto do sul do país, mas a uma classe citadina que, na sua maioria, possui recursos financeiros e que já tinha vivência dessa prática no local de origem.

Portanto, nesse espaço fronteiriço, percebe-se que os imigrantes buscaram, ao seu modo, reproduzir espaços de sociabilidade até então presentes em seu local de origem. Diante disso, buscam, em alguns casos, assimilar a cultura deste; e, em outros casos, ainda existem resistências. Espaços, como o do CTG, buscam uma maior integração entre as culturas, mas nem todos os migrantes paraguaios e muito menos os indígenas se fazem presentes. Nota-se que a integração ainda é um desafio para imigrantes brasileiros e seus descendentes. Existe uma assimetria muito grande entre os dois países, que impede a verdadeira integração. Porém, existem situações em que os imigrantes vivenciam múltiplos pertencimentos, tanto ao Brasil como ao Paraguai.

Considerações finais:

Nessa nova realidade, conclui-se que o imigrante adquire um sentimento de pertencimento do espaço ocupado, mas ainda se mantém interligado a sua identidade regional, nacional e étnica. Assim sendo, o sujeito vive com o sentimento de múltiplos pertencimentos. No caso dos emigrantes

entrevistados, a relação com a terra natal não é tão intensa. Entre aqueles que fizeram vários processos migratórios, as visitas mais frequentes ao Brasil acontecem ao último local de residência, lugar em que possuem um vínculo maior pela presença de familiares e amigos.

Diante disso, as “tradições inventadas”, tendo o CTG como exemplo de patrimônio, tanto material como imaterial, costuraram uma ideia de pertencimento e identidade diante da alteridade. Aqui, esta entidade se apresenta como um espaço de sociabilidade que transcende interesses culturais destes imigrantes. Além disso, observou-se que festas étnicas visam a preservação de aspectos culturais dos antepassados e, juntamente com as apresentações culturais “gauchescas”, revelam redes transnacionais culturais e associativas entre imigrantes no Paraguai e não imigrantes no Brasil.

Referências:

- BACK, Andressa. *Multiplicidade na fronteira: o fenômeno das identidades em Santa Rita, Paraguai*. 2014. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2014.
- BALLER, Leandro; SANTOS, Geovana dos. Ramón Fogel: Breves perspectivas histórico-sociais nas relações entre Brasil e Paraguai. Tradução. *Revista História em Reflexão*, v. 8, p. 01-10, 2014.
- GOLIN, Luiz Carlos Tau. Hegemonía gauchesca. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder. Reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, v. 1, 2011, p. 155-188.
- GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para o Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.
- HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. Identidade e Migração em áreas Transfrontereiras. *Geographia*, v.3, n. 5, p.45-65, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Territorialidades “gaúchas” e a formação de redes regionais e transnacionais. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Orgs.). *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 277-300.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MENEZES, Frederico de Lucena. Migração: Uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcante [et al.]. *Migração e identidade: Olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007, p.105 -131.

MONDARDO, Marcos Leandro. Identidades territoriais e globalização: a relação entre espaço, política e cultura no processo de des-reterritorialização. *Geo UERJ* - ano 11, v.2, n.19, p. 111-137,1º semestre de 2009.

MONDARDO, Marcos Leandro. A insegurança dos muros: Mal-estar e a construção da identidade do migrante na fronteira. In: MARTINS, Isis do Mar Marques; MONDARDO, Marcos Leandro (Orgs.). *Migrações no mundo da fluidez e dos muros: movimentos, práticas e resistência na América Latina*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.p.18-49.

SILVA, Henrique Manoel. *Fronteiros: As condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katueté, no Departamento de Canindeyú 1970-2000*. 2007. 290f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em História, Florianópolis, 2007.

SZEKUT, Andressa. *Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai: memórias, representações e territorialização*. 2018. 344f. Tese

(Doutorado) Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018. TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, Revista de sociologia da USP, v.20.n.1, p. 199 – 218, 2008.

Fontes:

I.B., dona de casa, natural de Tuparãndi, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28/07/2018.

C.T., intendente distrital de Santa Rita, Paraguai, entrevista concedida em 27/07/2018.

J.W., ex-vereador de Santa Rita, PY, natural de Cerro Largo, RS, entrevista concedida em Foz do Iguaçu, 17/01/2019.

N.R., cozinheira e dona de buffet, natural de Humaitá RS, residente em Santa Rita. Entrevista recebida em 07/09/2016.

T.M., MSCS, funcionária pública da Casa do Migrante de Foz do Iguaçu, entrevista recebida em 08/04/2019.

V.B., natural de Tenente Portela, RS, residente em San Alberto, entrevista concedida em 28/07/ 2018.